

O impacto da Web 2.0 nas Bibliotecas Escolares das escolas secundárias do concelho de Lisboa

Thiago M. Cunha

Biblioteca Mário Sottomayor Cardia
FCSH-UNL
1069-061 Lisboa
Tel: 217908300
E-mail: thiagomc@fch.unl.pt

Marina Barros Figueiredo

Arquivo Histórico Parlamentar
Palácio de S. Bento
1249-068 Lisboa
Tel: 229876543
E-mail: mfigueiredo@ar.parlamento.pt

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o impacto das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas bibliotecas das escolas secundárias do concelho de Lisboa. Inicialmente é desenvolvida uma revisão da literatura de artigos científicos, nacionais e internacionais, que analisam a influência da Sociedade da Informação nas escolas e em todos os seus intervenientes. No conjunto dos artigos selecionados é amplamente referido um declínio da educação, que não consegue ser apelativa para crianças e jovens que têm necessidades e exigências para as quais os atuais métodos de ensino se encontram desatualizados. É desenvolvida uma abordagem de revisão do processo didático-pedagógico nas escolas da Sociedade da Informação, em que as TIC são vistas como um instrumento de aproximação entre a biblioteca escolar e os seus utilizadores e evidencia-se o papel do bibliotecário como orientador no acesso à informação por parte da comunidade escolar. Em seguida são abordadas as potencialidades das TIC que com o surgimento da web 2.0 permitem incrementar a relação entre a biblioteca escolar e os seus utilizadores, analisando o modo como as bibliotecas escolares portuguesas tem reagido a este novo cenário de desenvolvimento tecnológico. Apresentam-se então os resultados de um inquérito feito junto dos professores bibliotecários para avaliar o impacto das TIC nas bibliotecas escolares das escolas secundárias do concelho de Lisboa. Finalmente é proposta uma futura investigação que explore os outros agentes envolvidos neste cenário: os alunos, levantando-se a questão de se após uma abordagem que permita analisar todos os agentes envolvidos será possível definir uma estratégia capaz de aproximar cada vez mais alunos e biblioteca escolar, mesmo que tal não se verifique fisicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Bibliotecas escolares, Tecnologias de Informação e Comunicação, Web 2.0, Escolas Secundárias, Lisboa.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the impact of information and communication technologies (ICT) in the libraries of secondary schools in the municipality of Lisbon. Initially is developed a literature review that

explores the influence of the Information Society in schools and all its stakeholders. In the selected articles is widely referred a decline of education, which is unable to be appealing to children and young people who have needs and requirements that turn the current teaching methods outdated. Therefore is developed an approach to review the process and pedagogical teaching in schools in the Information Society in which ICT are seen as an instrument of rapprochement between the school library and its users, and highlights the role of the librarian as an advisor on access to information on the part of the school community. Then is discussed the potential of ICT that, with the emergence of Web 2.0, allows to increase the relationship between school library and its users, analyzing how Portuguese school libraries have reacted to this new scenario of technological development. To answer this question are presented the results of a survey among the Teacher-librarians to assess the impact of ICT in school libraries in secondary schools in the municipality of Lisbon. Finally it is proposed that future research explore the other agents involved in this scenario: the students and it raises the question if after an approach analyzing all stakeholders will it be possible to define a strategy to get closer library and school students, even if this does not occur physically.

KEYWORDS: School libraries, Information and Communication Technologies, Web 2.0, Secondary Schools, Lisbon

INTRODUÇÃO

É indiscutível o impacto que a tecnologia tem na sociedade. No final da 2ª Guerra Mundial teve início um processo de desenvolvimento tecnológico que na atualidade assumiu um carácter quase natural na forma como toda a sociedade se modifica face ao constante desenvolvimento das tecnologias.

Verifica-se que toda uma geração nascida no final do século XX cresce inserida num cenário tecnológico sem precedentes, onde a informação surge em diferentes formatos e o seu acesso nunca foi tão facilitado. Se estas crianças e jovens crescem num ambiente tecnológico completamente diferente das gerações passadas, naturalmente assumem aptidões e

competências distintas, nomeadamente no que diz respeito às tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Neste cenário de um acesso cada vez maior à informação evidencia-se o papel da escola como orientador, nomeadamente da Biblioteca escolar (BE) no auxílio na busca de informação uma vez que, na atualidade, esta está disponível em larga escala e através de meios distintos.

O descompasso geracional, provocado pelo desenvolvimento tecnológico, pode provocar um cada vez maior desinteresse dos alunos pelo auxílio disponibilizado pela BE. Se esta não acompanhar a evolução das TIC tão evidente na vida dos alunos e necessária para sobrevivência na Sociedade da Informação, tem tendência a não corresponder às expectativas destes mesmos alunos.

Surge portanto uma questão essencial sobre qual toda esta investigação assenta: De que forma podem as TIC servir como ferramenta de aproximação entre a BE e os seus utilizadores?

Se por um lado a internet veio modificar a forma como se acede e produz a informação, o surgimento da web 2.0 desenvolveu uma série de ferramentas interativas que possibilitam à escola uma aproximação ao universo estudantil nos meios digitais mais comuns entre os alunos.

O presente trabalho pretende fazer uma abordagem inicial ao atual estado do ensino e da aprendizagem. Perceber de que forma é necessário uma reestruturação do atual modelo de ensino considerando as mudanças estruturais que ocorrem na sociedade a um ritmo acelerado potencializadas pelo desenvolvimento tecnológico.

Neste contexto evidencia-se o papel da BE como núcleo central de apoio aos alunos fora das salas de aula, e pretende-se perceber de que modo podem as TIC servir como ferramenta de aproximação entre a BE e os seus utilizadores.

Após uma revisão da literatura de alguns artigos científicos relacionados com a problemática apontada, assim como uma breve reflexão sobre o atual estado das bibliotecas escolares (BEs) na web 2.0 através de alguns estudos exploratórios, pretende-se desenvolver uma investigação às BEs do ensino secundário do Concelho de Lisboa através de um questionário onde é analisado a sua presença na web.

O objetivo principal sob qual assenta todo este trabalho é perceber através dos resultados obtidos nos questionários efetuados nas escolas secundárias do concelho de Lisboa qual o impacto que o desenvolvimento tecnológico veio a ter nas mesmas e a forma como se enquadram neste cenário digital onde os seus utilizadores já demonstram tanta aptidão.

O ENSINO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Nativos/Imigrantes Digitais

A evolução tecnológica acontece atualmente a um ritmo vertiginoso, o Homem acompanha esta evolução não como mero espetador mas como ator participante, o seu modo de pensar, de agir, de refletir vai seguindo esta evolução, criando um descompasso entre aqueles que acompanham a mudança e aqueles que já fazem parte dela naturalmente.

No entanto, para que esta mudança siga uma tendência evolutiva é necessário que áreas importantes da nossa sociedade também se modifiquem no seu modo de agir e transmitir conhecimento, e a presente apatia perante este cenário de transformação é um dos motivos de declínio da educação (PRENSKY, 2001). De certa forma o sistema educativo não acompanhou o ritmo evolutivo dos seus alunos, as crianças e jovens nascem e crescem na chamada Sociedade da Informação e têm necessidades e exigências para as quais o atual método de ensino se encontra desatualizado.

Enquanto uma geração se encontra naturalmente enquadrada no cenário tecnológico existente, pois cresceu numa era digital onde as novas tecnologias sempre fizeram parte do seu quotidiano, uma outra geração luta contra o tempo na tentativa de acompanhar simultaneamente a evolução da tecnologia, as modificações dos comportamentos e os níveis de compreensão das crianças na atualidade (SOUZA, 2008).

Existem aqui, portanto, dois cenários importantes a reter, por um lado as crianças e jovens que nascem a partir da década de 90, que crescem numa era digital envoltos em tudo o que as TIC lhes proporcionam, designados por “Nativos digitais”, e aqueles que não nasceram nesta geração digital, mas que se foram adaptando aos poucos a este novo cenário, os “Imigrantes digitais” (PRENSKY, 2001).

A noção de Nativo/Imigrante digital é essencial para perceber a descontinuidade geracional provocada pelo acelerado desenvolvimento tecnológico na Sociedade da Informação. De certo modo o cenário existente num sistema de ensino ultrapassado pode ser personificado como um espaço onde agentes educativos e alunos se comunicam numa língua diferente.

Mudança de Paradigma na Aprendizagem

A aproximação entre Nativos e Imigrantes digitais é importante não só para aproximar educadores e educandos num modelo de ensino adaptado, mas também por perceber que pertencer a uma geração digital contempla riscos que devem ser tidos em conta numa reestruturação do sistema educativo, isto porque o excesso de informação que decorre das TIC é um dos grandes desafios do ensino, a escola deve auxiliar os alunos a trabalhar com a informação disponível (KUHLTHAU, 1999). Se por um lado as expectativas e necessidades dos alunos se alteraram, a própria sociedade contempla outras exigências, o sistema escolar deve preparar os seus alunos para esta nova

Sociedade da Informação, e como tal a escola deve apresentar “saberes dinâmicos, múltiplos, variados e procedentes de muitas fontes” (HILLESHEIM e FACHIM, 2004, 2).

Nesta mudança do processo de ensino/aprendizagem o aluno deve ganhar autonomia e ser incentivado a interrogar, pesquisar e dinamizar o seu próprio processo de ensino (PROENÇA, 2011). A BE deve assumir um papel essencial, isto porque o espaço da sala de aula deixa de ser o único espaço de difusão do saber, o aluno incentivado à investigação recorre à BE como auxiliar no processo de aprendizagem, esta como tal deve estar preparada para recebê-lo, não pode portanto estar limitada aos poucos livros de bibliografia obrigatória dispostos em estantes, e deve assumir uma postura dinâmica assente numa realidade digital de modo a corresponder as verdadeiras necessidades do seu moderno público-alvo.

Desafios para as BEs

Naturalmente a modernização do processo educativo não pode ser vista apenas como uma aproximação de gerações de forma a ressuscitar o interesse no ensino e no saber. As TIC trazem grandes possibilidades e devem ser tidas em conta no seu todo e compreendidas com os riscos que tem. O facto de as crianças e jovens viverem demasiado tempo numa realidade virtual, não implica que não devem adquirir competências ministradas pela escola neste campo. Do mesmo modo, não podemos assumir que por nascermos em Portugal falamos e escrevemos corretamente o português (MARQUES E LAGARTO, 2011).

São vários os riscos associados à utilização das TIC, fundamentalmente da internet pelos alunos. Considerando um espaço de livre utilização este contempla um volume de informação sem fim. A falta de orientação para os educandos de como aceder a este excesso de informação pode ser problemática. É como comparar a internet a “um terreno fértil em temas e ideias”, considerando como qualquer terreno além da boa colheita está repleto de “ervas daninhas” que naturalmente dificultam o trabalho de investigação (NETO, 2006). Portanto é natural que sem auxílio, mesmo considerando a aptidão natural destes Nativos digitais para o ambiente virtual, as potencialidades educativas de todo o sistema potencializado pela internet podem constituir um risco num universo repleto de possibilidades.

O Manifesto da IFLA/UNESCO (2000, 1) define como missão para as BEs a promoção de “serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos utilizadores da informação, em todos formatos e meios”, a utilização dos novos serviços que a web 2.0 criou surgem aqui como instrumentos indispensáveis para os objetivos propostos no manifesto, as BEs devem desenvolver competências a nível da web 2.0 de modo a atingir o novo público que esta criou mas também aproveitar os serviços e recursos que esta proporciona.

Potencialidades da Web 2.0 nas BEs

São várias as potencialidades da web 2.0 que podem ser aproveitadas pelas BEs. Estas devem assumir simultaneamente um papel inovador, acompanhando as tendências tecnológicas da atualidade, mas também devem funcionar como elo de aproximação aos seus utilizadores.

A biblioteca digital é uma das potencialidades indispensáveis para as BEs. A possibilidade de acesso ao material da biblioteca sem a necessidade de recorrer fisicamente ao espaço da mesma é muito positiva para os alunos, que na sua grande maioria já recorre regularmente ao acesso à informação através da internet. A criação de uma rede de BEs digitais que permita uma transmissão da informação entre escolas é uma possibilidade que pode vir a ser muito positiva para toda a comunidade escolar (FURTADO, 2010).

A implementação de um ambiente digital nas BEs tem também um impacto direto na aproximação aos alunos, isto porque o acesso à informação no espaço web da biblioteca permite simultaneamente que o aluno ganhe alguma autonomia no processo de busca da informação, mas também utilizar técnicas de apoio ao processo de recolha de informação por parte dos agentes educativos que permitam ao aluno uma recolha mais fidedigna da informação. (AMARAL E GARBIM, 2008)

A web 2.0 permitiu a criação de ferramentas interativas e dinâmicas no espaço web, os blogues são um exemplo disto. Fortemente disseminada na internet, a utilização de blogues pelas BEs é uma das formas de aproximação ao utilizador (FURTADO, 2009). Além da sua vertente de expositor informativo, os blogues permitem um elevado grau de interatividade, onde os alunos podem comentar e avaliar as notícias que são partilhadas pela biblioteca.

O conceito de interatividade é muito importante para que os blogues funcionem bem. É importante que os blogues não funcionem unicamente como espaços virtuais de divulgação da informação, a interatividade é uma das grandes potencialidades da web 2.0. Para que estas ferramentas funcionem de forma dinâmica e num constante entrosamento entre todos os sujeitos envolvidos é necessário que todos sejam recetores e emissores de informação (AMARAL E GARBIM, 2008).

Os microblogins como o Twitter também são importantes ferramentas de transmissão de informação na internet. O Twitter contém as capacidades básicas dos blogues, no entanto revela uma grande mais-valia em relação a estas, permite perceber a rapidez com que as mensagens transmitidas são difundidas (PROENÇA, 2011).

Se as BEs pretendem atingir os alunos da sua escola a sua presença em redes sociais na internet é indispensável tendo em conta a popularidade que estas têm na atualidade. As BEs devem inserir-se nestas redes sociais para se integrarem com os jovens, mas também para ganhar visibilidade e usufruir dos laços que se criam para promover informações, atividades, notícias e eventos organizados pela BE (ARROYO VÁSQUEZ, 2008). É indispensável a presença das BEs num “dos mais fortes canais de comunicação dos nossos jovens na

atualidade” (PROENÇA, 2011, 256), como o facebook por exemplo. Fortemente popularizado permite além da componente de exposição informativa uma maior interatividade entre utilizadores e a biblioteca, através de comentários, apreciações e mesmo partilhas de atividades ou qualquer material disponível na rede. Com um contato maior com os seus alunos através destas plataformas, a BE pode desenvolver várias atividades importantes a nível de orientação no universo digital, como formações a nível da literacia informacional (ALVIM, 2011).

A escola deixa de ser o único espaço de educação e o professor passa a ter um papel de consultor na aprendizagem, cabe à BE da sociedade da informação fazer a ponte entre os alunos e a informação num cenário de explosão da informação (FURTADO, 2009).

As BEs Portuguesas na Sociedade da Informação

Torna-se necessário portanto avaliar sucintamente de que modo as BEs portuguesas tem reagido a este novo cenário de desenvolvimento tecnológico, e de que modo tem revelado competências a nível das web 2.0 nas suas escolas.

Vários projetos foram desenvolvidos em Portugal no sentido de incluir as TIC nas escolas. Entre 1985 e 1994 desenvolveu-se o projeto Minerva, com o intuito de introduzir pela primeira vez as TIC nas escolas de ensino básico e secundário, projeto este que veio a ganhar continuidade com o programa Nónio desenvolvido entre 1996 e 2004. Em 1997 o Programa Internet nas escolas deu uma grande contribuição para o desenvolvimento tecnológico nas BEs portuguesas, uma vez que pretende a instalação de pelo menos um computador por biblioteca em todas as escolas de Portugal. É necessário evidenciar ainda o papel do programa e-escola que permitiu a compra de computadores portáteis por alunos e professores a um preço reduzido (FERREIRA E MONTEIRO, 2009).

Os diversos projetos desenvolvidos neste âmbito permitiram que o material tecnológico fosse distribuído em larga escala no território português permitindo que fatores económicos, sociais e mesmo regionais fossem atenuados pela informatização das BEs. Em 2009 cerca de 93% das BEs portuguesas possuíam computadores com acesso a internet (FURTADO, 2009).

O projecto eLit.pt desenvolvido em 2006 pela Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT) permitiu retirar importantes conclusões. O estudo indica que aproximadamente 20% da população escolar recorre às BEs, e aponta ainda que cerca de 95% de todos os alunos do ensino secundário recorrem à internet em casa para fazer os trabalhos escolares (MALHEIRO E MARCIAL, 2010). Estes dados evidenciam a importância da presença digital das BEs portuguesas, pois torna-se claro que se não acedem com regularidade ao espaço físico da mesma, os alunos devem encontrar suporte para que possam ser orientados a partir dos meios que mais utilizam.

No que diz respeito a outras potencialidades da Web 2.0 o estado da arte revela que apesar da existência de algumas ferramentas, estas nem sempre tem sido

devidamente potencializadas.

Os blogues são sem dúvida o instrumento mais utilizado pelas BEs portuguesas e a sua presença em plataformas como o facebook já começa a ser notada. Existe um número muito reduzido de ações de literacia nas páginas de Facebook, das BEs portuguesas. Ações importantes sobre a internet e sobre a web 2.0, assim como de conteúdo geral de apoio a métodos de estudo e pesquisa são praticamente nulos. Grande parte dos conteúdos publicados na rede são de caráter de marketing de atividades, o que revela que o papel do professor bibliotecário como mediador nestas plataformas não tem servido o propósito de auxiliar na aprendizagem (ALVIM, 2011).

No entanto o panorama nacional da introdução de ferramentas web 2.0 nas BEs portuguesas é de difícil definição, considerando que não existem estudos a nível nacional devido à complexidade e dimensão do universo de estudo.

A revisão da literatura dos estudos analisados, mesmo tendo em conta estarem restritos a uma amostra que não pode ser reportada para o cenário nacional, revela que as escolas portuguesas ainda não assumem um papel significativo nas plataformas de web 2.0, e mesmo quando estão inseridas neste contexto não desenvolvem as competências necessárias para que a aproximação com os seus utilizadores resulte num maior auxílio didático-pedagógico a nível da literacia informacional.

MODELO DE ANÁLISE

A evolução tecnológica desenfreada e o impacto que esta pode vir a ter no sistema educativo é a problemática central deste trabalho. Pretende-se perceber de que modo os novos alunos, com uma aptidão tecnológica naturalmente desenvolvida, podem ser seduzidos por uma integração cada vez maior da escola num ambiente digital.

O modelo de análise proposto centra a sua atenção na questão essencial desenvolvida na pergunta de partida: de que forma podem as TIC servir como ferramenta de aproximação entre a BE e os seus utilizadores. No entanto o modelo contempla ainda uma análise à principal problemática da investigação, o atual modelo de ensino/aprendizagem.

Esta investigação não pretende abranger mais do que uma realidade de estudo. A proposta que a presente investigação aborda está relacionada com o impacto das ferramentas web 2.0 nas BEs, e a sua potencialidade para aproximar biblioteca e alunos. No entanto é indispensável uma primeira abordagem à forma como o professor bibliotecário avalia esta nova geração de alunos e os seus métodos de aprendizagem, isto porque é importante traçar um enquadramento das escolas no seu envolvimento com toda a comunidade escolar, de modo a perceber a forma como interage com todos os agentes envolvidos.

Desta forma o modelo de análise contempla 3 dimensões de estudos, como é possível analisar no quadro que se segue:

Dimensões	Indicadores
Caracterização da Escola	- Identificar o tipo de leitor que a BE recebe.
Estado da aprendizagem	- Impacto das TIC na BE; - Impacto das TIC nos alunos; - Relação da BE com todos agentes envolvidos (alunos e professores).
As TIC e a Biblioteca escola	- Potencialidades das ferramentas <i>web</i> 2.0 utilizadas pela BE; - Tipo de ações desenvolvidas pela BE com a <i>web</i> 2.0 e sobre a <i>web</i> 2.0; - Interactividade na <i>web</i> 2.0.

Quadro 1: Dimensões do Modelo de Análise

Desenvolveu-se um questionário, dividido em 3 partes, é constituído maioritariamente por perguntas fechadas de autorresposta, o que permite uma comparação imediata entre todos elementos da amostra sem grande variabilidade das respostas. O universo de estudo é composto pelas bibliotecas das 26 escolas do ensino secundário do Concelho de Lisboa, contactadas por e-mail e telefone de forma a obter-se uma amostra minimamente representativa. O método de amostragem utilizado é o aleatório simples, onde todos os sujeitos da população em estudo tem a mesma probabilidade de ser incluídos, uma vez que todos foram contactados.

O questionário é realizado sobre uma plataforma da *web* 2.0, o *Google doc.*, que permite o envio do questionário para os professores bibliotecários e resposta com os dados automaticamente processados em rede, o que facilita o envio de questionário e a resposta por parte dos inquiridos.

A amostra final é composta por 21 BEs que participaram da investigação, o que representa aproximadamente 80% do universo geral de estudo. As escolas presentes na investigação são:

EBS Passos Manuel	Esc. Sec. António Damásio
Esc. Sec. Maria Amália Vaz de Carvalho	Esc. Sec. Vergílio Ferreira
Esc. Artística António Arroio	Esc. Sec. José Gomes Ferreira
Esc. Sec. Marquês de Pombal	Esc. Sec. com 3º Ciclo Padre António Vieira
Esc. Sec. de Pedro Nunes	Agrupamento Lindley Cintra
Esc. Sec. Rainha D. Leonor	Escola Sec, D. Pedro V
Esc. Sec. de Camões	Esc. Sec. Eça de Queirós
Esc. Sec. de Dona Luísa de Gusmão	Esc. D. Filipa de Lencastre
Esc. Profissional de Ciências Geográficas	Instituto Gregoriano de Lisboa
Esco. de Dança do Conservatório Nacional	Esc. Secundária do Restelo
Esc. de Música do Conservatório Nacional	

Quadro 2: Amostra final

O principal objetivo é apurar quais as ferramentas WEB 2.0 que a BE utiliza e que tipo de formação promove sobre a utilização das ferramentas web 2.0, utilizando as mesmas ferramentas. Para estes resultados formulam-se algumas hipóteses de resposta no que diz respeito às ferramentas utilizadas e às formações praticadas pelas BEs.

Estas hipóteses baseiam-se no testemunho de boas práticas na utilização das ferramentas *web* 2.0 noutros concelhos do país. Desta forma espera-se que também se verifiquem estas práticas nas BEs das escolas secundárias do concelho de Lisboa.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta etapa do projeto pretende apresentar e analisar os resultados mais relevantes dos 3 grupos em que o questionário está dividido, considerando a relevância das respostas face ao modelo de análise proposto.

Caracterização da Amostra

Esta primeira etapa do questionário pretende apenas identificar as escolas onde as bibliotecas estão inseridas, de acordo fundamentalmente com os tipos de alunos (considerados através do nível de escolaridade) que a escola possui.

Como é possível analisar no gráfico que se segue a grande maioria das escolas inquiridas possui 3º ciclo do ensino básico, ou seja, a BE serve além dos alunos do ensino secundário, alunos do 7º, 8º e 9º ano:

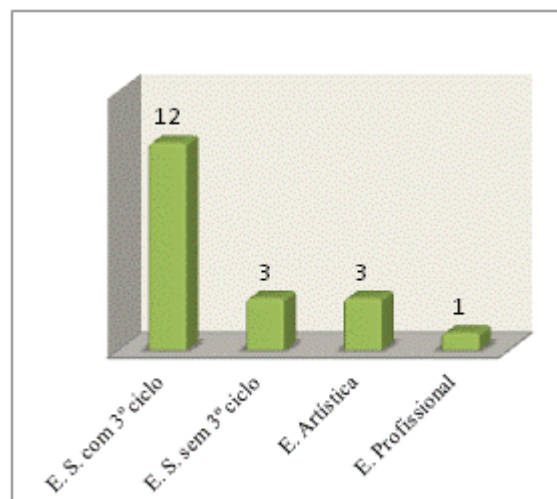


Gráfico 1: Identificação das escolas

Apenas 3 escolas inquiridas possuem exclusivamente o ensino secundário, considerando ainda a presença de 3 escolas artísticas, 1 escola com ensino profissional e ainda 2 escolas que não se identificaram no questionário.

É de salientar ainda que das 21 escolas inquiridas apenas 9 dizem pertencer à RBE (Rede de BEs), um valor que apesar de representar aproximadamente 43% da amostra na rede revela que as escolas do concelho de Lisboa ainda estão relativamente aquém das expectativas no que diz respeito a integração no universo da RBE.

Estado da Aprendizagem/Ensino

Nesta segunda etapa do questionário pretende-se perceber de que modo os professores-bibliotecários analisam o atual estado do ensino, considerando fundamentalmente as competências tecnológicas dos seus alunos e o modo como a restante comunidade escolar reage. Pretende-se ainda identificar como avaliam a utilização da BE pelos alunos assim como a cooperação com outros professores da escola.

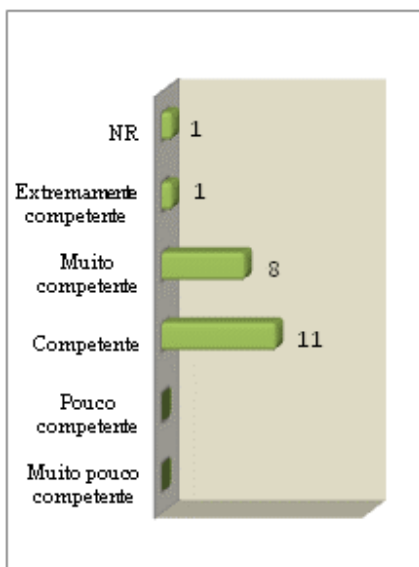


Gráfico 2: Competência tecnológica dos "Nativos digitais"

Como é possível verificar no gráfico 2 esta componente tecnológica dos alunos é fundamentalmente reconhecida pelos professores bibliotecários.

É de salientar que nenhuma resposta identificou pouca competência dos alunos para as tecnologias, as respostas vão de encontro à problemática da questão que identifica os alunos como um público bastante capacitado no que diz respeito a utilização de tecnologias.

Torna-se portanto necessário perceber como é que a comunidade escolar avalia aptidão dos seus alunos, principalmente no que diz respeito à forma como tem capacidade para responder à mudança estrutural que pode vir a ocorrer em toda comunidade escolar:

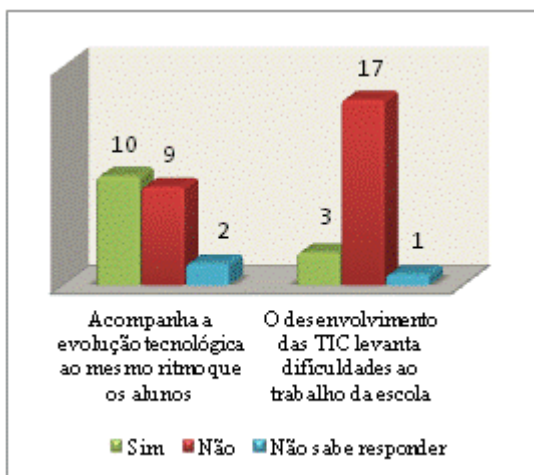


Gráfico 3: Desenvolvimento das TIC na escola

De certo modo os professores bibliotecários dividem-se no que diz respeito ao acompanhamento tecnológico. Os resultados muito aproximados revelam que a maior parte dos inquiridos estão completamente ao nível dos seus alunos e acompanham a evolução tecnológica ao mesmo ritmo que estes, no entanto um elevado número considera que de facto não consegue acompanhar esta evolução da mesma forma que os seus alunos.

Quando inquiridos sobre a hipótese do desenvolvimento das TIC vir a levantar dificuldades ao trabalho da escola, aproximadamente 81% dos inquiridos acha que não.

Torna-se interessante verificar que apesar da divisão no que diz respeito ao acompanhamento aos alunos nas aptidões tecnológicas a amostra é quase unânime no que diz respeito aos possíveis entraves do desenvolvimento das TIC nas escolas. Estes resultados revelam que a comunidade escolar, nomeadamente a BE, não identifica as TIC como um entrave, o que pode vir a ser extremamente positivo numa cada vez maior integração das mesmas nas BEs, desde que sejam acompanhadas por formação aos professores bibliotecários para que consigam acompanhar a evolução tecnológica ao mesmo ritmo que os "nativos digitais".

Os professores bibliotecários foram questionados acerca do nível de frequência com que os alunos recorrem à BE, assim como a frequência que professores recorrem a biblioteca.

Considerou-se o nível de frequência de 1 a 5, sendo 1 muito pouco frequente e 5 muito frequente. Os resultados apresentados são elaborados através de uma média dos resultados obtidos pela amostra do estudo.

Os resultados obtidos revelam que os alunos recorrem com alguma frequência a BE para auxílio em trabalhos escolares e pesquisa (3,6), no entanto a frequência com que os professores recorrem ao mesmo espaço é muito limitada (2,7).

Se por um lado a utilização dos alunos da biblioteca pode ser vista de forma muito positiva, uma vez que permite perceber que a BE ainda tem um papel muito importante na orientação dos alunos na procura de informação, por outro lado a pouca frequência com que outros professores recorrem à biblioteca revela que os conteúdos disponibilizados pela mesma possam estar desatualizados ou não diretamente interligados com os conteúdos abordados pelas disciplinas. Uma presença mais significativa dos professores pode potencializar um material didático mais rico e atualizado à biblioteca, assim como uma maior interação da biblioteca com a restante comunidade escolar.

No entanto, quando inquiridos relativamente à frequência da colaboração da biblioteca e do professor bibliotecário com os outros professores o resultado já é mais animador. Uma grande parte da amostra revela ser frequente o contacto com professores (3,4), o que pode servir para atenuar a pouca presença dos professores na biblioteca.

Convém salientar que todo o questionário foi direcionado aos professores bibliotecários. A pertinência das perguntas realizadas anteriormente devem ser tidas em conta considerando que os restantes

professores surgem aqui como agentes passivos. É possível que as mesmas perguntas respondidas pelos professores obtivessem outro resultado, ou não, no entanto, tal redundância deve ser tida em conta na análise destes resultados.

Com o objetivo de perceber se existe alguma relação entre a maior aquisição de computadores pelos alunos e a frequência com que os mesmos recorrem à biblioteca, foi questionado se os professores bibliotecários sentem que nos últimos 5 anos o número de alunos que frequentam a biblioteca diminuiu. Os resultados revelam que aproximadamente 71% dos inquiridos não consideram que o número de alunos nas BEs tenha diminuído. Perante este resultado, potenciais receios relativamente à falta de auxílio aos alunos, no que diz respeito à uma pesquisa livre sem apoio da BE, pode ser atenuada.

Utilização das TIC na BE

Esta etapa do questionário constitui a fase principal do projeto. Pretende-se perceber de que modo as BEs se estão a inserir neste cenário digital de modo a se enquadrarem num ambiente onde o seu público-alvo já se encontra presente.

Com o objetivo de perceber como é feito este enquadramento pelos professores bibliotecários foram questionados acerca das ferramentas web 2.0 que utilizam:

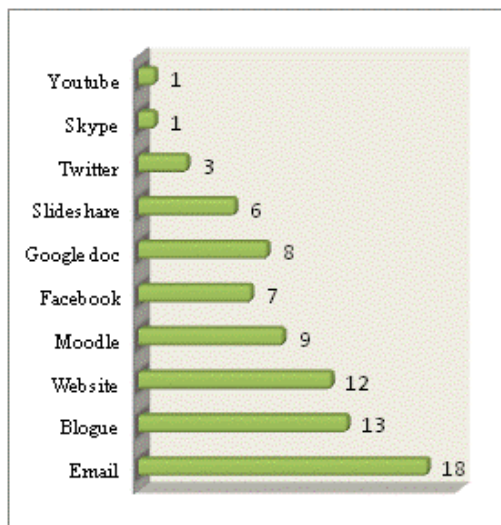


Gráfico 4: Ferramentas Web 2.0 que utilizam

O gráfico 4 revela resultados interessantes. Praticamente todas as escolas inquiridas possuem um endereço de e-mail assim como uma grande parte delas web sites. Convém salientar que estas duas ferramentas já existiam antes da criação da web 2.0, no entanto vieram a ganhar uma outra potencialidade com a chegada da mesma, tornando-se ferramentas mais dinâmicas e interativas, de modo que foram incluídas no questionário.

Assim como foi possível perceber através de outros estudos abordados na revisão da literatura as escolas do concelho de Lisboa seguem a tendência de uma intensa exploração dos blogues.

Como já foi mencionado anteriormente, o facebook é

uma rede social com uma grande popularidade entre os jovens da atualidade, no entanto as BEs inquiridas revelam uma presença que ronda os 33% do total da amostra. Tal resultado revela que a tentativa de se aproximar do universo nos meios que lhes são mais comuns falha num ponto essencial de onde se esperava uma presença mais significativa das BEs.

Outras ferramentas muito populares como o youtube e o twitter revelam uma presença muito pouco significativa. No entanto pela capacidade redutora de tais redes, limitadas à divulgação de vídeos ou pequenas mensagens esta presença não possui a mesma relevância para a problemática em estudo do que a presença no facebook.

Merece ainda a atenção a presença da plataforma moodle em 9 das 16 escolas inquiridas. Esta constitui uma ferramenta muito importante na web 2.0, é portanto de salientar a presença das escolas num canal de comunicação com grandes potencialidades.

Algumas escolas revelam ainda utilizar ferramentas como o slideshare e o Google doc., utilizadas essencialmente para partilha de conteúdos. Apesar de não permitirem uma interatividade com os alunos como outras ferramentas web 2.0 estas constituem uma potencialidade na divulgação de conteúdos didáticos importantes.

O conceito tão popularizado de web 2.0 contempla vários riscos, deste modo pretendeu-se perceber se as BEs promoviam formações sobre as ferramentas web 2.0 e que tipo de formações:



Gráfico 5: Tipos de formação sobre Web 2.0 desenvolvidas

Os resultados revelam que 66% da amostra promove formações sobre a web 2.0. Entre as formações realizadas, 13 escolas revelam auxiliar os alunos na pesquisa na internet através de formações. É de salientar esta iniciativa de forma positiva, pois um dos riscos associados a web 2.0 é sem dúvida o excesso de informação presente na internet e os riscos da sua utilização se não for bem orientada. Pelo que é possível analisar, grande parte das bibliotecas reconhecem estes riscos e pretendem guiar os seus utilizadores na procura e utilização de informação de qualidade através da formação.

No entanto foi preciso perceber se as bibliotecas utilizam as ferramentas da web 2.0 para promover algum tipo de formação, ou seja, se através das suas ferramentas efetuam formações, se inserindo verdadeiramente no contexto do digital e auxiliando os seus alunos através da rede.

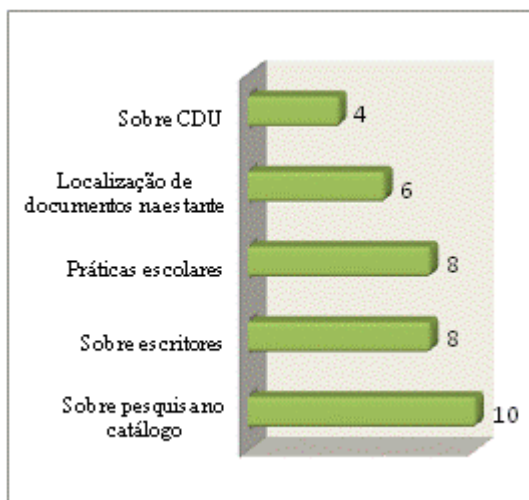


Gráfico 6: Tipo de formações realizadas nas ferramentas web 2.0 que utiliza

Aproximadamente 62% das escolas analisadas revelam promover ações de formação através das ferramentas web 2.0 que utilizam. Apesar de mais de metade das escolas inquiridas revelarem este comportamento é de salientar que 38% das BEs ainda não potencializam devidamente as ferramentas web 2.0, uma vez que não usufruem da interatividade que esta permite no ambiente digital, permitindo mais uma vez inserir-se na realidade usual dos “nativos digitais” para formação de utilizadores.

Entre as formações mais efetuadas existe uma preponderância para orientação dos alunos na pesquisa do catálogo da biblioteca.

É de salientar também a tentativa de auxiliar os alunos em temas que não estão diretamente relacionados com o espaço físico da biblioteca, como os escritores e as práticas escolares, que constituem elementos importantes na estrutura curricular dos alunos.

Para potencializar as ferramentas web 2.0 é também necessária uma constante renovação e apresentação de conteúdos apelativos e didáticos que permitam aos alunos ligados na rede estarem em constante contacto com a biblioteca.

As bibliotecas foram questionadas acerca do tipo de conteúdo/ações que desenvolvem nas plataformas web 2.0 que utilizam. Como é possível verificar no gráfico 7 praticamente todas usufruem das plataformas para divulgação de notícias sobre a biblioteca e a escola assim como a divulgação de links úteis:



Gráfico 7: Tipos de ações desenvolvidas nas ferramentas web 2.0 que utilizam

A divulgação de vídeos didáticos e trabalhos de alunos é uma prática muito utilizada pelas plataformas em questão, isto é essencial por permitir a abordagem de conteúdos importantes para os alunos nas plataformas que lhes despertam um elevado interesse.

Como já foi anteriormente referido, um conceito essencial para determinar o impacto das ferramentas web 2.0 na comunidade escolar é o de interatividade.

Neste sentido as bibliotecas foram questionadas acerca da interatividade existente pelos seus utilizadores nas principais ferramentas utilizadas. Para este efeito considerou-se uma avaliação de 1 a 5, sendo 1 muito pouca interatividade e 5 muita interatividade por parte dos utilizadores.

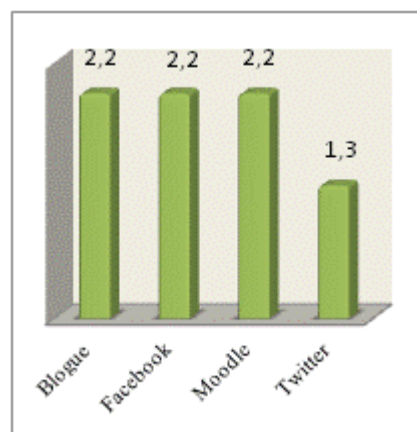


Gráfico 8: Interactividade média das ferramentas web 2.0

Como é possível analisar no gráfico 8, todas as plataformas revelam um número reduzido de interatividade por parte dos seus utilizadores. Estes valores revelam que apesar da possível visualização de todos conteúdos partilhados a transformação destas plataformas em ferramentas dinâmicas e espaços de debate não ocorrem ainda. Sem desvalorizar a importância dos conteúdos apresentados para a literacia informacional dos alunos, é necessário também que as BEs percebam as temáticas que mais despertam

interesse na comunidade escolar de modo a conseguirem atingir o seu público-alvo e potencializarem assim as suas ferramentas com uma participação ativa de todos os agentes envolvidos.

No que diz respeito à existência de um catálogo de pesquisa, 81% das escolas admitem possuir catálogo, sendo que a grande maioria o disponibiliza mesmo na internet. Estes valores são importantes, identifica uma boa prática na orientação na busca de informação dos alunos sem necessitar recorrer ao espaço físico da biblioteca para perceber se determinada obra existe ou não.

As BEs foram ainda questionadas acerca da presença do seu catálogo numa rede de catálogos coletivos. Esta prática já muito usual entre as bibliotecas universitárias surge nas BEs com 30% de presença. Apesar de menos de metade das escolas estarem integradas num catálogo coletivo os valores revelam a existência de alguma cooperação entre as BEs do concelho de Lisboa.

Por fim pretendeu-se perceber de que formas as BEs do concelho cooperam entre si. Os resultados indicam boas práticas profissionais, nomeadamente no que diz respeito a partilha de conhecimentos técnicos e reuniões entre os professores bibliotecários.

Convém ainda salientar que quando questionadas sobre o tipo de biblioteca com que exercem parceria, além das BEs a totalidade das respostas indica bibliotecas públicas e municipais, mantendo a tradição de apoio desta tipologia de bibliotecas com as escolas de sua região.

CONCLUSÃO

É evidente que o desenvolvimento tecnológico existente criou um enorme impacto na estrutura humana e social da atual Sociedade da Informação onde nos inserimos. A aproximação entre nativos e imigrantes digitais deve ser vista como uma prioridade de modo a que todo o sistema educativo não entre em declínio, e para que os conteúdos educativos visionem uma realidade existente e em constante mutação.

Deste modo as TIC devem ser potencializadas nas escolas, não apenas como disciplina, mas no seu todo. A escola deve utilizar as TIC e as suas ferramentas como forma de ir ao encontro das expectativas dos seus alunos. O aluno não está limitado à informação que recebe nas salas de aula, e o acesso aos conteúdos já não está restrito ao espaço físico de bibliotecas.

Desta forma toda comunidade escolar se deve inserir no mundo digital, a aptidão tecnológica dos jovens não implica que a escola se deva despreocupar com o seu papel, antes pelo contrário, deve estar “no terreno” com os seus alunos pois o acesso a informação facilitado é um risco quando é feito sem orientação. A web 2.0 trouxe um mundo de oportunidades para que a escola, e nomeadamente a BE, se aproxime dos seus utilizadores.

As bibliotecas digitais, os blogues e as redes sociais entre outras ferramentas da web 2.0, proporcionam às BEs um apoio nos meios mais populares para os jovens

na atualidade. O desenvolvimento de competências nestas plataformas permite uma maior visibilidade da BE.

Os resultados obtidos através dos questionários às bibliotecas das escolas secundárias do concelho de Lisboa permitiram tirar algumas conclusões.

Verifica-se que o desfazamento geracional provocado pelas TIC é sentido por uma grande parte dos professores bibliotecários inquiridos, o que não implica que não estejam preparados para lidar com esta evolução tecnológica desenfreada, uma vez que grande parte dos professores indica que este desenvolvimento não provoca nenhum entrave ao trabalho das escolas.

No que diz respeito ao impacto das TIC, nomeadamente da web 2.0, nas BEs do concelho é possível afirmar que estas já se encontram bastante enquadradas no cenário digital. Estão presentes em alguns canais de comunicação importantes como os blogues e as plataformas moodle, sendo que a presença em redes sociais como o facebook fica ainda um pouco aquém do esperado.

As ações desenvolvidas nestas plataformas superam as hipóteses formuladas no modelo de análise. Existe uma preocupação demonstrada principalmente no que diz respeito o auxílio na pesquisa de informação na internet o que tem que ser analisado de forma muito positiva. De uma forma geral, as escolas analisadas demonstram uma preocupação em relação à problemática abordada. Revelam consciência da mudança no seu tipo de utilizadores e uma preocupação em manter-se atualizados e “ligados” com os mesmos na rede.

Considerando as várias formações desenvolvidas nas ferramentas web 2.0, assim como a presença em meios de comunicação muito populares entre os alunos é possível afirmar que a presença nos blogues, redes sociais e outras plataformas assim como uma constante dinamização das ferramentas web 2.0 através de atividades de formação e divulgação de material de interesse aos alunos é uma forma de unir a BE e os seus utilizadores, respondendo assim a pergunta de partida.

No entanto a falta de interatividade por parte dos alunos pode ser preocupante e um entrave a uma resposta mais clara e objetiva à pergunta de partida. A presença na web 2.0 permite à BE uma maior ligação com os seus alunos num meio muito comum aos mesmos. Mas a falta de interatividade destes na rede leva a equacionar até que ponto estas ferramentas servem um princípio dinâmico de aproximação ou apenas revelam um conteúdo expositivo de informação virtual.

Neste caminho evidencia-se uma proposta de futura investigação que explore os outros agentes envolvidos neste cenário: os alunos. É essencial perceber os principais motivos que estão na origem desta falta de interatividade e participação nas ferramentas web 2.0 que utilizam. Desta forma e após uma abordagem que permita analisar todos os agentes envolvidos é possível definir uma estratégia capaz de aproximar cada vez mais alunos e BE, mesmo que tal não se verifique fisicamente.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Luísa (2011) – As bibliotecas escolares portuguesas no facebook e o seu papel na formação da literacia da informação. Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania”, Braga. [Consultado em 17-09-2012]. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/lmc/article/viewFile/469/440>

AMARAL, Sérgio Ferreira do, GARBIN, Mônica Cristina (2008) – Construção de um ambiente educacional interactivo na internet: a Biblioteca Escolar Digital. Revista Iberoamericana de Educación [Em linha]. 45 (6). [Consult. em 17-09-2012]. Disponível em: <http://www.rioei.org/expe/2378Amaral.pdf>

ARROYO VÁZQUEZ, Natalia (2008) – Bibliotecas públicas y sitios de redes sociales, una cuestión de visibilidad?. Congreso Nacional de Bibliotecas Públicas, 4, Coruña. [Consultado em 17-09-2012]. Disponível em: http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/12354/1/Arroyo_IVCongresoBP.pdf

FERREIRA, Paula, MONTEIRO, Ana Francisca (2009) – Risco de utilização das TIC. EDUSER: revista de educação. [Em linha]. 1 (1). [Consult. em 10-09-2012]. Disponível em: <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/viewFile/20/6>

FURTADO, Cassia (2010) – Educação e bibliotecas digitais. Revista digital de biblioteconomia e ciência da informação [Em linha]. 8 (1). [Consult. em 10-09-2012]. Disponível em: http://aveiro.academia.edu/CassiaFurtado/Papers/289227/EDUCACAO_E_BIBLIOTECAS_DIGITAIS_.ISSN1678-765X

FURTADO, Cássia Cordeiro (2009) – Bibliotecas escolares e web 2.0: revisão da literatura sobre Brasil e Portugal. Em questão [Em linha]. 15 (2). [Consult. em 10-09-2012]. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/view/6973/6296>

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade, FACHIN, Gleisy (2004)– Biblioteca escolar e a leitura. Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina [Em linha]. 8/9. [Consult. em 15-09-2012]. Disponível em: http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCcQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.brapci.ufpr.br%2Fdownload.php%3Fdd0%3D11109&ei=FltXULbWI4XDhAfW4YGwDg&usq=A_FQjCNEhRMmGokjinroX5ckspG4f0qUybg

IFLA - Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. [S. l.]: [s. n.], 2002.[Consult. em 17-09-2012]. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>

KUHLTHAU, Carol Collier (1999) – O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In VIANA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete;

MOURA, Victor Hugo Vieira – Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999

MALHEIRO, Armando M. Barreiros Malheiro da, MARCIAL, Viviana Fernández (2010) – Novos resultados e elementos para a análise e debate sobre a literacia da informação em Portugal. Inf. Inf. 15 (1). [Consult. em 15-09-2012]. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/2907/5881>

MARQUES, Hermínia, LAGARTO, José (2011) – Quando a internet (in)tranquiliza. Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania”, Braga. [Consult. em 17-09-2012]. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/lmc/article/viewFile/485/456>

NETO, Cidália de Lurdes Pereira (2006) - O papel da internet no processo de construção do conhecimento : uma perspectiva crítica sobre a relação dos alunos do 3º ciclo com a internet.[Braga]: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Tese de Mestrado. [Consult. em 15-09-2012]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6191/1/Tese.pdf>

PRENSKY, Marc (2001) – Digital natives, digital immigrants. On the horizon [Em linha]. 9 (5). [Consult. em 17-09-2012]. Disponível em: http://www.albertomattiacci.it/docs/did/Digital_Natives_Digital_Immigrants.pdf

PROENÇA, João Paulo da Silva (2011) – A presença das bibliotecas escolares na web e a promoção das literacias – Relatos de boas práticas. Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania”, Braga. [Consult. em 17-09-2012]. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/lmc/article/viewFile/468/439>

SOUZA, Marlene Trotta de (2008) – Biblioteca escolar: usuário criativo é a realidade actual. CRB-8 Digital [Em linha]. 1 (3). [Consult. em 17-09-2012]. Disponível em: <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/21/21>